

LIÇÃO 1

16a 1 Primeiro devemos estabelecer o que é um nome e o que é um verbo; depois, o que é negação e afirmação, e a enunciação e o discurso.

4. O Filósofo começa esta obra com uma introdução na qual aponta uma a uma as coisas que devem ser tratadas. Pois, como toda ciência começa com um tratamento dos princípios, e os princípios das coisas compostas são suas partes, aquele que pretende tratar da enunciação deve começar por suas partes. Portanto, Aristóteles começa dizendo: *Primeiro devemos determinar*, i.e., definir, *o que é um nome e o que é um verbo*. No texto grego está *Primeiro devemos pôr*, o que significa a mesma coisa, pois as demonstrações pressupõem definições, a partir das quais concluem, e, portanto, as definições são corretamente chamadas de "posições". Esta é a razão pela qual ele apenas aponta aqui as definições das coisas a serem tratadas; pois a partir das definições outras coisas são conhecidas.

5. Poder-se-ia perguntar por que é necessário tratar novamente de coisas simples, i.e., o nome e o verbo, pois eles foram tratados no livro *Praedicamentorum*. Em resposta a isso, devemos dizer que as palavras simples podem ser consideradas de três maneiras: primeiro, como significam a intelecção simples absolutamente, o que é a consideração própria do livro *Praedicamentorum*; segundo, de acordo com sua função como partes da enunciação, que é a maneira como são consideradas neste livro. Assim, são tratadas aqui sob a formalidade do nome e do verbo, e sob essa formalidade significam algo com tempo ou sem tempo e outras coisas do tipo que pertencem à formalidade das palavras como são componentes de uma enunciação. Finalmente, as palavras simples podem ser consideradas como são componentes de uma ordenação silogística. São tratadas então sob a formalidade de termos, e isso Aristóteles faz no livro *Prior*. Poder-se-ia perguntar por que ele trata apenas do nome e do verbo e omite as outras partes do discurso. A razão poderia ser que Aristóteles pretende estabelecer regras sobre a enunciação simples e para isso é suficiente considerar apenas as partes da enunciação que são necessárias para o discurso simples. Uma enunciação simples pode ser formada apenas por um nome e um verbo, mas não pode ser formada por outras partes do discurso sem estes. Portanto, é suficiente tratar desses dois.

Por outro lado, a razão pode ser que nomes e verbos são as partes principais do discurso. Os pronomes, que não nomeiam uma natureza, mas determinam uma pessoa — e, portanto, são colocados no lugar dos nomes — estão compreendidos sob os nomes. O particípio — embora tenha semelhanças com o nome — significa com tempo e, portanto, está compreendido sob o verbo. Os outros são coisas que unem as partes do discurso. Eles significam relações de uma parte com outra, em vez de serem partes do discurso; assim como pregos e outras partes desse tipo não são partes de um navio, mas conectam as partes de um navio.

7. Após ter proposto essas partes [o nome e o verbo] como princípios, Aristóteles declara o que pretende estabelecer principalmente: ... então o que é a negação e a afirmação. Estas também são

partes da enunciação, não porém como partes integrantes, como são o nome e o verbo — caso contrário, toda enunciação teria que ser formada por uma afirmação e uma negação — mas como partes subjetivas, isto é, espécies. Isso é suposto aqui, mas será provado mais tarde.

8. Como a enunciação se divide em categórica e hipotética, pode-se perguntar por que ele não as enumera também, além da afirmação e da negação. Em resposta a isso, poderíamos dizer que Aristóteles não as acrescentou porque a enunciação hipotética é composta de muitas proposições categóricas e, portanto, categórica e hipotética diferem apenas segundo a diferença entre uma e muitas.

Ou poderíamos dizer — e esta seria uma razão melhor — que a enunciação hipotética não contém a verdade absoluta, cujo conhecimento é exigido na demonstração, à qual este livro está principalmente ordenado; antes, ela significa algo como verdadeiro por suposição, o que não basta para as ciências demonstrativas, a menos que seja confirmado pela verdade absoluta da enunciação simples. Esta é a razão pela qual Aristóteles não trata nem das enunciações hipotéticas nem dos silogismos.

Ele acrescenta: e a enunciação, que é o gênero da negação e da afirmação; e o discurso, que é o gênero da enunciação.

9. Se alguém perguntasse por que, além destes, ele não menciona o som vocal, é porque o som vocal é algo natural e, portanto, pertence à consideração da filosofia natural, como é evidente no *De Anima* II [8: 420b 5-421a 6] e no final do *De generatione animalium* [cap. 8]. Além disso, por ser algo natural, o som vocal não é propriamente o gênero do discurso, mas é pressuposto para a formação do discurso, assim como as coisas naturais são pressupostas para a formação das coisas artificiais.

10. Nesta introdução, contudo, Aristóteles parece ter invertido a ordem da enunciação, pois a afirmação é naturalmente anterior à negação e a enunciação é anterior a estas como gênero; e, conseqüentemente, o discurso é anterior à enunciação. Poderíamos dizer em resposta a isso que ele começou a enumerar a partir das partes e, conseqüentemente, procede das partes para o todo. Ele coloca a negação, que contém divisão, antes da afirmação, que consiste em composição, pela mesma razão: a divisão está mais próxima das partes, a composição está mais próxima do todo.

Ou poderíamos dizer, como alguns fazem, que ele coloca a negação primeiro porque, naquelas coisas que podem ser e não ser, o não-ser, que a negação significa, é anterior ao ser, que a afirmação significa.

Aristóteles, contudo, não se refere ao fato de que uma delas é colocada antes da outra, pois elas são espécies que dividem igualmente um gênero e, portanto, são simultâneas segundo a natureza.